

OS ARQUIVOS PESSOAIS E SUAS NUANCES: UMA REFLEXÃO SOBRE OS ARQUIVOS DAS MATEMÁTICAS ESTELA KAUFMAN E MARIA LAURA MOUZINHO LEITE LOPES

Dayane Ponciano de Lima

Maria Carolina Clares do Nascimento Araújo

Introdução

O entendimento e o tratamento dado aos arquivos pessoais tem sido uma problemática contemporânea para a Arquivologia. Os profissionais que se dedicam ao trabalho com esses fundos precisam estar abertos para compreender as singularidades do sujeito acumulador do arquivo e para entender que, diferente das metodologias adotadas na organização de arquivos institucionais, “definir as funções e atividades de um indivíduo no decorrer de sua vida já é uma tarefa mais complexa e que exige um trabalho de pesquisa sobre a biografia de vida e a trajetória profissional da pessoa” (Silva, 2012: 90).

Estamos vivenciando um período em que os estudos sobre as “escritas de si”, as pesquisas em diários íntimos, as produções biográficas e autobiográficas têm recebido bastante evidência. Até mesmo as pesquisas em registros de arquivos pessoais ganharam uma nova face. Os documentos dos arquivos pessoais passaram a ser enxergados não só como fontes de pesquisa, assim como nos indica a historiadora Angela de Castro Gomes: “tal documentação [...] apenas mais recentemente foi considerada fonte privilegiada e, principalmente, tornada, ela mesma, objeto da pesquisa histórica” (Gomes, 2004: 10).

Entendemos o trabalho de organização de arquivos pessoais como um exercício constante de pesquisa. Para lidar com esses arquivos é necessário assimilar a ideia de que

indivíduos durante o curso de suas vidas estabelecem diversas relações, transitam em vários espaços e assumem diferentes posições. Ana Maria de Almeida Camargo e Silvana Goulart consideram que o trabalho com a diversidade de campos de atuação existentes num arquivo pessoal, exige que o arquivista seja capaz de identificar as atividades geradoras dos documentos. As autoras afirmam que:

No âmbito dos arquivos pessoais [...] as fronteiras que demarcam as diferentes áreas de ação de um mesmo indivíduo são tênues e imparciais. O uso do método funcional, além de imperativo, demanda a identificação das atividades imediatamente responsáveis pelos documentos. (Camargo e Goulart, 2007: 23)

Os registros dessas diferentes atividades e funções estão dispostos no arquivo pessoal de uma forma que, coloca o profissional responsável pela organização do arquivo como uma espécie de investigador de trajetórias. Para além da organização física dos documentos, o arquivista assume a tarefa de transparecer as atividades, as funções e a trajetória de vida do produtor do arquivo através daqueles documentos e na configuração final do quadro de arranjo. O trabalho de se pesquisar essas trajetórias é uma etapa fundamental no processo de organização desses fundos. Assim como indica o historiador Paulo Roberto Elian dos Santos:

O conhecimento biográfico do titular e dos elementos de constituição de seu arquivo é fundamental na metodologia de tratamento dos arquivos pessoais. A operação de estabelecer a classificação dos documentos só será levada a bom termo se estas etapas iniciais foram bem delineadas. (Santos, 2012: 39)

Também vale salientar que os registros pertencentes a esses fundos, quase sempre, refletem o desejo que o acumulador do arquivo teve em guardar aqueles documentos. No universo dos arquivos pessoais privados, notamos uma intenção quase que autobiográfica na prática de arquivar-se. É a entidade produtora do arquivo “a partir de seus critérios e interesses, que funciona como eixo de sentido no processo de constituição do arquivo. [...] cabe a ela determinar o que deve ser guardado e de que maneira.” (Heymann, 1997: 42-43).

Recortes ou narrativas que possam ser atribuídas a determinados acontecimentos da vida do sujeito, representam um exercício de “arquivamento do eu” (Artières, 1998).

Arquivar a própria trajetória faz parte de um movimento de registrar a nossa existência e a nossa identidade no mundo, uma tentativa de guardar “provas de mim”, como nos sugere Sue McKemmish:

Os registros, sob qualquer forma, nos oferecem, em primeiro lugar, testemunhos de nossas interações com os outros, no conteúdo de nossas próprias vidas e do lugar que ocupamos nas deles - são provas de “nossa existência, de nossas atividades e experiências”. Fabricamos e guardamos os registros que compõem um arquivo pessoal para assegurarmos nosso lugar no presente e no futuro (McKemmish, 2013: 24).

No trabalho em questão trataremos da trajetória de vida e dos arquivos pessoais de duas matemáticas que dedicaram suas carreiras às pesquisas no campo da Educação Matemática e à atividade docente. Fazemos referência aos arquivos pessoais de Estela Kaufman Fainguelernt (1933-2015) e de Maria Laura Mouzinho Leite Lopes (1919-2013), ambos pertencentes ao acervo arquivístico do Museu de Astronomia e Ciências Afins - MAST, instituição que, por meio dos trabalhos realizados no Arquivo de História das Ciências - AHC, tem desempenhado um papel importante no tratamento e guarda de fundos documentais de pessoas e instituições que colaboraram com o desenvolvimento e divulgação da produção científica no Brasil. As duas matemáticas tiveram carreiras docentes duradouras e a característica comum na acumulação desses dois fundos são os documentos produzidos no contexto de atuação nas instituições de ensino e pesquisa nas quais estabeleceram vínculo. Ambas foram bastante ativas até o fim de suas vidas, tanto nas universidades, como nos grupos de pesquisa e associações de profissionais da área, também estabeleceram parcerias que resultaram na formação e capacitação de uma geração de educadores matemáticos no Brasil.

Nosso objetivo com esse trabalho é refletir sobre as diferentes formas em que um arquivo pessoal pode se configurar. Os arquivos das referidas matemáticas, que apresentaremos mais adiante, se constituem como dois fundos que possuem características muito singulares, eles são majoritariamente compostos por documentos oriundos das atividades de ensino e pesquisa das produtoras nas instituições, e muitas vezes nos despertam dúvidas sobre a presença desses documentos em um arquivo pessoal.

Ao manusearmos esses dois arquivos pessoais, nos deparamos com a história de duas produtoras que tiveram um longo período de atuação profissional, e que acumularam um vasto material sobre atividade docente que por vezes se confunde com a história da própria instituição onde as matemáticas atuaram. Durante a pesquisa realizada nesses fundos, observamos que os aspectos da vida pessoal das produtoras se entremeiam com os da vida profissional, o que resultou na acumulação de uma documentação rica, dotada de registros que exemplificam as ideias iniciais sobre pesquisas, os objetos de pesquisa propriamente ditos e, conseqüentemente todo o cerne do conhecimento produzido no decorrer da trajetória das matemáticas.

Antes de adentrarmos de fato nos temas referentes à atuação profissional e das peculiaridades dos arquivos pessoais das duas pesquisadoras, iremos apresentar um breve histórico sobre suas trajetórias de vida e como iniciaram suas atividades de ensino e pesquisa na Matemática.

Histórico das produtoras

Maria Laura Mouzinho Leite Lopes

Maria Laura Mouzinho Leite Lopes nasceu em 18 de janeiro de 1919 no município de Timbaúba, localizado no estado de Pernambuco. Mudou-se com a sua família para a cidade do Rio de Janeiro no ano de 1935, tendo ingressado no curso de Matemática da Universidade do Distrito Federal - UDF no ano de 1939, mesmo ano em que a UDF foi fechada, dando lugar a Faculdade Nacional de Filosofia - FNFfi. No ano de 1941, Maria Laura concluiu o curso de Bacharelado em Matemática e no ano seguinte finalizou a sua formação no curso de Licenciatura. Logo em seguida, em 1943, foi contratada como professora assistente no Departamento de Matemática da FNFfi, iniciando assim uma longa carreira na instituição que mais adiante se tornaria a Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ. Foram mais de 60 anos de atividade profissional, tendo atuado na UFRJ, em escolas do ensino básico e universidades privadas.

Durante sua atuação profissional enfrentou algumas situações conflituosas, como na ocasião da defesa de sua tese, quando foi acusada de plágio. Vários foram os

desdobramentos até Maria Laura conseguir comprovar a autenticidade das pesquisas por ela realizadas. Maria Laura esteve na vanguarda no que diz respeito à atuação feminina nos espaços acadêmicos do país e teve importante participação na comunidade científica brasileira. Mais adiante, em 1969, com o endurecimento do regime ditatorial no país, a matemática foi aposentada compulsoriamente juntamente com o seu esposo o físico José Leite Lopes, pelo Ato Institucional nº 5 (A.I.5). Após o ocorrido, optaram por sair do país.

O período do regime militar significou uma grande perda para a produção científica no Brasil. Assim como Maria Laura, vários outros pesquisadores foram aposentados pela ditadura militar e acabaram sendo acolhidos por outras universidades e institutos de pesquisa fora do país. Em 1972 Maria Laura retomou as suas atividades acadêmicas, quando “começou a trabalhar no *Institute de Recherche en Enseignement de Mathematiques* (IREM) de Strasbourg obtendo, assim, o seu contato com novos saberes, novas metodologias de ensino e de aprendizagem em Matemática” (Pereira, 2013: 204). Esse período de atuação no IREM foi de suma importância para as pesquisas em Educação Matemática desenvolvidas por Maria Laura quando retornou ao Brasil em 1974.

A matemática teve atuação destacada em outros institutos de pesquisa, tendo participado da fundação do Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas - CBPF em 1949, do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq em 1951, e do Instituto de Matemática Pura e Aplicada - IMPA em 1952. Também foi uma das primeiras mulheres a ser nomeada para a Academia Brasileira de Ciências - ABC. Em seu arquivo percebemos o cuidado em guardar esses registros, que acabam assumindo a função de apresentar testemunhos sobre eventos e sobre a própria produtora do arquivo.

Estela Kaufman Fainguelernt

Estela Kaufman Fainguelernt nasceu no dia 23 de julho de 1933 na cidade do Rio de Janeiro. Oriunda de uma família de origem judaica, Estela, assim como seus dois irmãos, optou pela formação na área das ciências exatas, tendo ingressado no curso de Matemática da antiga Universidade do Brasil no ano de 1951, e concluído o mesmo em

1955. No contexto da década de 1950, podemos afirmar que iniciar uma carreira no campo das ciências exatas se configurava como uma atitude desafiadora para uma mulher. Pesquisadoras como Estela, além de demonstrar excelência em sua atuação profissional, tinham o desafio de modificar o cenário (predominantemente masculino) que estava posto para as ciências exatas no Brasil, até a primeira metade do século XX.

Sua formação na Pós-Graduação foi obtida também na UFRJ, nos cursos de Mestrado e Doutorado da Coordenação dos Programas de Pós-Graduação em Engenharia - COPPE. Estela obteve o grau de mestre em Matemática e cursou seu Doutorado em Engenharia de Sistemas e Computação. Ambos os trabalhos, apresentados ao final desses cursos, abordaram questões relativas ao ensino de matemática.

Estela iniciou sua carreira docente na educação básica durante a década de 1960, lecionou em escolas como o Colégio Pedro II, e pela Rede Estadual de Ensino do Rio de Janeiro, no Colégio Estadual André Maurois. Sua atuação no Ensino Superior teve início na década de 1970, na Associação Universitária Santa Úrsula, atual Universidade Santa Úrsula - USU, onde atuou por mais de 30 anos. Na USU, Estela idealizou o primeiro curso de Mestrado em Educação Matemática do estado, e também estruturou o Instituto de Educação Matemática - IEM. Atuou também em instituições como o Colégio Israelita Brasileiro A. Liessin, a Escola Eliezer Steinberg Max Nordau (Escola Israelita Brasileira), Centro Universitário Serra dos Órgãos - UNIFESO, Universidade Estácio de Sá - UNESA e Universidade Severino Sombra - USS, sendo que nessas duas últimas instituições a matemática esteve à frente de coordenações de cursos de Graduação, de Pós-Graduação e de diversos projetos de pesquisa e extensão.

Durante os seus 50 anos de atividade docente, Estela desenvolveu diversas pesquisas com temáticas voltadas para o ensino da Geometria, Educação Matemática, Matemática inclusiva e sobre a formação de professores. Suas pesquisas no campo da Educação Matemática e do ensino da Geometria resultaram em várias produções bibliográficas como livros e artigos em congressos da área. Teve importante atuação junto a Secretaria Estadual de Educação e Cultura no processo de reformulação de currículos. E com frequência, também era convocada para compor diversas bancas de concursos, vestibulares e defesas de trabalhos acadêmicos.

Pesquisas em educação matemática – a parceria de Estela Kaufman e Maria Laura

As pesquisas voltadas para o campo da Educação Matemática no Brasil receberam mais atenção durante a segunda metade do século XX, principalmente durante a década de 1970. Esse período foi marcado pelo aprofundamento das discussões sobre a reformulação do currículo tradicional de Matemática e pelo Movimento da Matemática Moderna - MMM. Vários matemáticos contribuíram para o desenvolvimento de pesquisas nesse campo, no entanto, Estela Kaufman e Maria Laura, assumiram um papel de destaque nesse espaço, participando da construção de grupos de pesquisa e atuando em entidades de classe.

Estela Kaufman e Maria Laura já tinham convivido no meio acadêmico durante a década de 1950, quando Maria Laura foi professora de Estela no curso de Graduação em Matemática na FNFfi. Já nos anos 1970, após Maria Laura retornar do exílio político, grupos de pesquisadores interessados em discutir a Educação Matemática começaram a se organizar. No trecho a seguir, apresentamos um levantamento realizado pelo matemático Marcelo Salvador, que lista os principais grupos de estudo sobre Educação Matemática no país entre as décadas de 1960 e 1970:

Entre meados dos anos 60 e 70, a quantidade de pessoas interessadas no estudo de como e o que se lecionar em Matemática, enfim e para além disso em pesquisar a Educação Matemática foi crescendo e foram formados grupos como o Grupo de Estudos do Ensino da Matemática (GEEM), em 1961, em São Paulo; o Núcleo de Estudos e Difusão do Ensino de Matemática (NEDEM), em 1962, no Paraná; o Grupo de Estudos sobre o Ensino da Matemática de Porto Alegre (GEEMPA), em 1970, no Rio Grande do Sul e, também em 1970, no então Estado da Guanabara, o Grupo de Estudos em Educação Matemática do Estado da Guanabara (GEMEG). Apesar de haver algum intercâmbio, em muitas das vezes o estudo e pesquisa desses grupos ficou restrito ao estado de sua criação. (Salvador, 2012: 33-34)

Com a experiência trazida por Maria Laura do período em que esteve vinculada ao IREM, e com o acúmulo das discussões sobre o MMM, vários pesquisadores como Anna Averbuch, Moema Sá Carvalho e José Carlos Melo e Souza, se juntaram a Maria Laura e Estela Kaufman, e criaram no ano de 1976 o Grupo de Estudos e Pesquisas em

Educação Matemática - GEPEM. O grupo surgiu após a dissolução do GEMEG, ocasionada por conta da união do Estado do Rio de Janeiro com o Estado da Guanabara.

O GEPEM se tornou um espaço de referência no que diz respeito às discussões sobre Educação Matemática no Brasil e, até os dias atuais, publica periodicamente boletins com artigos sobre a temática. A partir das atividades do GEPEM criou-se o curso de Especialização em Educação Matemática, em convênio com a USU, que mais tarde veio a se tornar o Mestrado em Educação Matemática da mesma Universidade.

Após ser anistiada na década de 1980, Maria Laura retornou à sua cadeira na UFRJ e criou um projeto de extensão multidisciplinar batizado de Projeto Fundão, trata-se de “uma audaciosa iniciativa que conseguiu unir no mesmo objetivo os institutos de Biologia, Física, Geociências, Matemática e Química” (Araújo, 2009: 56). É considerado um dos projetos de extensão mais antigos em atividade no país. Organiza-se como um espaço de formação que “funciona por meio de grupos temáticos formados por professores universitários, professores do ensino básico (multiplicadores), e por licenciandos (estagiários)” (Araújo, 2009: 56). Estela Kaufman também teve significativa participação no Projeto Fundão. Em seu arquivo encontram-se diversos registros sobre oficinas, palestras e eventos que a matemática participou no projeto da UFRJ.

Outro evento que também merece ser destacado é a criação da Sociedade Brasileira de Educação Matemática - SBEM, criada em janeiro de 1988. As matemáticas em questão, também participaram da fundação dessa associação. A SBEM se constituiu como um espaço ideal para reunião de pesquisadores de todo o país, para formação de grupos de discussão e organização de eventos nacionais e regionais. Entre os anos de 2000 e 2006, Estela Kaufman esteve na coordenação da seção regional Rio de Janeiro durante duas gestões.

Os fundos documentais de Estela Kaufman e Maria Laura

Os arquivos pessoais de Maria Laura e Estela Kaufman foram doados ao MAST, respectivamente, nos anos de 2011 e 2015. O arquivo de Maria Laura foi doado pela produtora ainda em vida, está em processo final de elaboração do inventário e recentemente foi disponibilizado para consulta. Já o arquivo de Estela Kaufman, passou a

compor o acervo arquivístico do museu por meio de uma doação realizada pelos familiares da matemática após o falecimento da mesma, e atualmente passa por tratamento técnico.

O MAST, através do trabalho realizado pelos profissionais da Coordenação de Documentação e Arquivo - CODAR tem desempenhado um papel importante na preservação e divulgação de informações valiosas para a história da ciência. Como afirmam Ana Maria de Almeida Camargo e Silvana Goulart, “os arquivos pessoais de cientistas, artistas e políticos constituem matéria privilegiada para que se possam compreender os processos de conhecimento, criação e decisão” (Camargo e Goulart, 2007: 50). Essas ações desenvolvidas por instituições de guarda têm aproximado cientistas e familiares dos mesmos que “vêm nesses espaços de preservação o meio de marcar a atuação científica e acadêmica dos titulares dos arquivos, garantindo a perpetuação desses agentes no cenário nacional” (Lisboa, 2012: 11).

Os arquivos de indivíduos que se dedicaram à atividade científica em suas trajetórias profissionais tendem a reunir diversos registros sobre os espaços nos quais atuaram. Esses arquivos podem trazer consigo o histórico de um produtor com atividade docente intensa (como é o caso dos dois arquivos que estamos discutindo aqui), como também, podem apresentar informações sobre pesquisas elaboradas no âmbito dos laboratórios, sobre as trocas de informações com outros profissionais da área, sobre as pesquisas de campo, sobre a gestão de instituições de ensino e pesquisa, entre outras atividades.

No entanto, Odile Welfelé afirma que mesmo diante da riqueza de informações que esses arquivos podem conter, o reconhecimento diante da comunidade científica se apresenta como um fator determinante para que esses pesquisadores conservem os seus documentos histórico-científicos. Segundo a autora:

Os próprios cientistas não tem uma ideia muito precisa do interesse de sua documentação. [...] Guardar arquivos é um princípio de temperamento pessoal. [...] é preciso saber quem poderá tomar conta deles. [...] O papel dos arquivos é mal conhecido, os meios oferecidos insuficientes e a valorização do que fazemos não é importante o bastante. (Welfelé, 2007: 146)

Os arquivos pessoais de Estela Kaufman e Maria Laura se constituem como importantes fontes de pesquisa para a compreensão da história recente da ciência e tecnologia no Brasil, e também como excelentes fontes para compreender o avanço nos debates sobre a Educação Matemática no país. Como estamos nos referindo a duas pesquisadoras que atuaram por longos períodos em instituições, é natural que a trajetória dessas cientistas traga consigo parte da memória dos lugares em que estabeleceram vínculos.

Um cientista que torne sua esfera de ação uma paixão pessoal reverbera essa busca de conhecimento por toda sua produção documental. Essa característica pode ser observada claramente nos arquivos pessoais das matemáticas. Suas atividades científicas foram encaradas com afinco e, estabeleceram eixos de pesquisa que ficaram traçados dentro do seu arquivo pessoal, no qual podemos reconstituir a representatividade dessas mulheres dentro das instituições e projetos científicos nos quais estiveram presentes.

Em meio aos documentos que formam esses arquivos constam em maior quantidade, registros que retratam os vários anos de atividade docente das matemáticas. São documentos que foram gerados durante atividades em disciplinas lecionadas, oficinas ministradas e materiais didáticos elaborados pelas matemáticas. Os documentos bibliográficos também estão em grande número nesses dois fundos, são livros de autoria das pesquisadoras, textos trabalhados em sala de aula e outras publicações da área. As demais atividades e funções elencadas nesses dois arquivos também contam com documentos de divulgação de atividade científica; documentos dos grupos e associações de matemáticos; documentos sobre gestão acadêmica e institucional; documentos pessoais e com uma vasta documentação oriunda das participações em eventos acadêmicos.

Como é possível perceber, as características que foram listadas demonstram que esses fundos documentais são formados basicamente por informações que remetem à atividade profissional dessas pesquisadoras. Lidar com arquivos pessoais de indivíduos que tiveram intensa atuação institucional e científica torna-se um desafio metodológico, pois os limites que determinam onde se encerra a atuação do sujeito e onde se inicia a atividade da instituição, são tênues, “uma vez que grande parte dos documentos por ele acumulados são procedentes dos arquivos dessas últimas” (Basso, 2014: 3).

Os documentos institucionais nos arquivos pessoais

Os princípios arquivísticos funcionam nos arquivos institucionais e nos arquivos pessoais, pois as questões referentes ao tratamento documental de arquivos pessoais estão mais próximas do que imaginamos da metodologia de organização dos arquivos institucionais. Embora, um fundo arquivístico pessoal seja conhecido usualmente por apresentar uma atmosfera particular originária de sua acumulação muitos dos produtores de arquivos pessoais trazem em seus fundos um reflexo das funções que desempenharam no decorrer da sua vida institucional. Quando propomos que muito do institucional está no arquivo pessoal não estamos descaracterizando a singularidade própria de um arquivo pessoal, estamos observando que quantitativamente o mesmo possui documentos que poderiam estar arquivados nos órgãos no qual o produtor trabalhou. Uma vez esse vínculo iniciado, ocorre o desenvolvimento de inúmeras ramificações institucionais que serão naturalmente incorporadas ao arquivo pessoal. Qualitativamente, também podemos analisar que muitos dos documentos ali depositados têm estrutura formal exclusiva das instituições que o produtor fazia parte no momento que o documento foi concebido.

O que queremos deixar evidente em relação aos arquivos de Estela Kaufman e Maria Laura é a presença de diversos documentos que foram elaborados na esfera institucional, e que em alguns casos tratam de questões específicas das instituições. As produtoras desses fundos, além de atuarem como docentes nas universidades e escolas, também foram gestoras acadêmicas e institucionais nos espaços por onde passaram. Podemos citar como exemplo a presença de documentos como relatórios, ofícios, convocatórias, portarias, prestações de contas de eventos e de compras de materiais para laboratórios, listas de equipamentos para os laboratórios, entre outros registros, que foram gerados nas instituições e acumulados junto aos arquivos pessoais das pesquisadoras.

Quando nos deparamos com essas situações no processo de tratamento do arquivo, nos perguntamos se esses elementos não descaracterizam esses fundos como arquivos pessoais. A partir dessa indagação algumas reflexões iniciadas durante a organização desses arquivos pessoais, se substanciaram. As questões referentes ao tratamento documental de arquivos institucionais se diferem das questões dos arquivos pessoais, entretanto muitas etapas da metodologia de organização dos arquivos

institucionais são desenvolvidas aos arquivos pessoais. Embora, um fundo arquivístico pessoal possua duas características proeminentes e peculiares: as “características informais apresentadas em sua acumulação e a pluralidade de documentos em suportes diversificados” (Tognoli e Barros, 2011: 67).

Devemos considerar também o grau de informalidade presente na formação dos arquivos pessoais, a ausência de regras nesse exercício de acumulação e que “o produtor do arquivo pessoal tem liberdade para avaliar e selecionar os documentos que permanecerão sob sua guarda e descartar aqueles que não lhe interessa perpetuar” (Silva, 2013: 165). Não podemos deixar de destacar, a ação dos herdeiros que podem desempenhar um papel fundamental na configuração final do arquivo pessoal.

Na experiência vivenciada no Arquivo de História das Ciências, é comum nos depararmos com fundos documentais de cientistas que são compostos basicamente pela produção intelectual desses sujeitos. A seleção feita pelos produtores ou pelos herdeiros dos mesmos quase sempre prioriza os registros sobre a atividade científica do produtor. Na discussão sobre tipologia documental de arquivos de cientistas e da importância desses para a história da ciência, Maria Celina Soares de Mello e Silva e Márcia Trancoso descrevem aspectos peculiares desses arquivos pessoais:

Uma das características dos arquivos pessoais de cientistas e pesquisadores em geral é que normalmente apresentam muito mais documentos produzidos por sua atividade científica, ou seja, fruto de seu trabalho, que os produzidos pelas atividades relacionadas à sua vida privada doméstica, em família, ou entre amigos. Também são poucos os que fornecem registros sobre atividades ligadas ao lazer, como esportes, artes etc., ou sobre sua crença religiosa. (Silva e Trancoso, 2015: 851)

Os documentos produzidos no contexto da atividade científica, dificilmente são recolhidos pelas instituições nas quais o pesquisador esteve vinculado. Os registros documentados no exercício dessas atividades acabam integrando os arquivos pessoais desses pesquisadores, assim como foi observado no estudo realizado por Odile Welfelé, que reuniu informações sobre a conservação dos arquivos científicos contemporâneos na França e como os pesquisadores documentavam as suas atividades. A pesquisadora constatou que:

Encontramos também, com frequência, documentos de origem pública, subtraídos pelo pesquisador na época em que exercia suas responsabilidades ou levados como lembrança no momento de sua partida. O que se pode chamar “documentos pessoais” de um pesquisador é uma noção que evoluiu consideravelmente nos últimos anos, em razão do impacto da informática sobre a redação de artigos e da utilização intensiva do correio eletrônico. (Welfel, 2007: 140)

Os arquivos pessoais de Estela Kaufman e Maria Laura possuem características semelhantes com as descritas por Odile Welfel. Para além das anotações sobre atividade científica, esses arquivos já apresentam sinais do impacto gerado pelo crescimento das novas tecnologias e aperfeiçoamento da informática. Contamos com um grande número de *e-mails* impressos (o que enxergamos positivamente, pois temos acesso à informação desses documentos), porém, também encontramos nesses arquivos documentos salvos em outros suportes como disquetes e fitas VHS. Elementos como esses se apresentam como desafiadores, pois o acesso aos conteúdos contidos nesses suportes não é uma tarefa que depende apenas do profissional arquivista.

Considerando as diversas atividades e funções que um indivíduo pode exercer durante sua trajetória de vida, a organização de arquivos pessoais adotada pelo MAST contempla as particularidades encontradas em cada arquivo, explorando as questões concernentes a biografia do produtor, respeitando a organicidade do fundo, sem detrimento da gênese documental, facilitando o acesso para vindouros pesquisadores.

A organização das séries documentais apresenta desde os aspectos da vida pessoal do produtor, sua formação acadêmica, e as diversas atividades que desempenhou durante sua atuação profissional. Dessa forma, podemos ter uma leitura geral de quem foi o personagem, ao visualizarmos a divisão do quadro de arranjo elaborado para o seu arquivo. A organização arquivística é desempenhada de forma coerente, porém, particular, se adequando a cada produtor, “os passos podem ser diferenciados, já que há especificidades em cada ente produtor e em cada contexto de produção. Tudo depende do tipo da entidade produtora, sua competência, suas funções e suas atividades” (Bellotto, 2014: 5).

Como já salientado anteriormente, no AHC é comum lidarmos com arquivos pessoais de cientistas que reuniram ao conjunto dos seus documentos pessoais, documentos das instituições em que atuaram. Sendo que, a maioria desses fundos, conta com uma documentação produzida no universo dos laboratórios da chamada ciência *hard*. Segundo Paulo Roberto Elian dos Santos (2012), o laboratório é um espaço dos experimentos, sucessos e fracassos do fazer científico. Quando tomamos como exemplo os arquivos de Estela Kaufman e Maria Laura, notamos que os documentos acumulados nas suas funções enquanto pesquisadoras, dizem respeito, sobretudo, às atividades desempenhadas em sala de aula e nos grupos de discussão sobre estratégias para melhoria do ensino matemático.

Diante disso, podemos perceber as diferentes formas em que um arquivo pessoal pode se configurar. Produzidos no âmbito da prática e das pesquisas sobre ensino, esses dois fundos contam com diferentes tipos de materiais didáticos que tem se apresentado como um desafio para o processo de classificação desses documentos. No entanto, como a variedade de tipos documentais é uma realidade quando nos referimos aos arquivos pessoais, devemos como nos alerta Camargo e Goulart (2007), assumir as dificuldades e problemas que a tarefa de organização de arquivos pessoais impõe.

Considerações finais

Os arquivos pessoais de Estela Kaufman Fainguelernt e de Maria Laura Mouzinho Leite Lopes representam a trajetória de vida de múltiplos educadores que desempenharam em suas atividades docentes um papel importante para o avanço e preservação da memória científica e tecnológica nacional. Ao preservar e tratar essa documentação, estamos de certa forma, também preservando a história de instituições de ensino e pesquisa do país, onde esses pesquisadores exerceram suas atividades.

O AHC tem recebido arquivos pessoais de cientistas que além das atividades executadas em laboratórios de pesquisa, reuniram uma quantidade considerável de documentos no exercício da docência. Um possível caminho a ser seguido seria pensarmos em alternativas de mapear as diferentes tipologias documentais presentes nesses fundos, para que a classificação desses documentos e a descrição arquivística sejam

realizadas da melhor maneira. A identificação dos tipos documentais consiste como uma etapa importante no tratamento dos arquivos pessoais, pois produz uma série de informações que auxiliam no trabalho dos profissionais que lidam diariamente com o tratamento dos arquivos, facilitam na recuperação da informação, como também proporcionam mais informações para os pesquisadores que têm interesse na documentação desses fundos.

No que se refere à presença de documentos institucionais nesses arquivos pessoais, deve-se levar em consideração que eles estão inseridos no contexto de produção das atividades desempenhadas pelo produtor do fundo, deve-se respeitar também o princípio da organicidade, pois “o arquivo é sempre maior do que o somatório das partes que o integram, o que significa que cada uma delas carrega consigo a cunha da entidade produtora como um todo” (Camargo e Goulart, 2007: 48).

Nesse sentido, acreditamos que a organização desses conjuntos documentais a partir das funções e atividades assumidas pela entidade produtora é essencial. Como afirma Terry Cook, a arquivística reconhece similaridades nos arquivos oficiais e pessoais, “ambos são artefatos de registro derivados de uma atividade; os arquivos são evidências das transações da vida humana, seja ela organizacional, e por conseguinte oficial, seja individual, e portanto pessoal” (Cook, 1998: 131).

Deste modo, separar os documentos classificados como institucionais não é uma alternativa, uma vez que ele está inserido num contexto das atividades do ente produtor. Gabrieli Aparecida da Fonseca, ao tratar das particularidades dos arquivos pessoais, afirma que essas especificidades devem ser consideradas, e que a presença delas não significa a perda de características desses fundos. De acordo com a autora:

Os acervos pessoais por reunir a documentação de pessoas físicas, abrangem diversos tipos documentais, muitos deles decorrentes de acumulação. No entanto, esses acervos podem conter documentos que são públicos em função do órgão emissor, mas que possuem um caráter pessoal por se referir/pertencer a determinado indivíduo. (Fonseca, 2015: 5)

Ao realizarmos a execução do quadro de arranjo do arquivo pessoal de Maria Laura, pudemos verificar que existe uma aproximação das áreas pessoais e institucionais.

Todavia, se não tivéssemos o prévio conhecimento de todas as instituições na qual ela atuou, não poderíamos ter solucionado muitas das questões ocorridas no decorrer da organização do arquivo, o que confirma que o arquivo pessoal é repleto de insurgências e que aliar a atividade de organização do arquivo à pesquisa sobre a história das instituições e trajetórias dos indivíduos é uma etapa fundamental nesse processo. Experiência semelhante tem ocorrido durante a organização do arquivo pessoal de Estela Kaufman.

Por fim, reafirmamos a necessidade de enxergar o trabalho com arquivos pessoais como uma atividade de pesquisa. Assim como um pesquisador acha cientificidade e aprendizados na exploração dos seus estudos para um novo campo, nós podemos encontrar uma densidade de registros científicos nos arquivos pessoais. A informação sempre ultrapassa cenários comuns e, se introduz por outros igualmente curiosos, a interdisciplinaridade dos arquivos pessoais se impõe como uma nova fonte de profusão e domínio científico, produzindo oportunidades de conhecer e se reconectar aos registros científicos.

Referências

ARAÚJO, Fábio Ferreira. **A influência e importância de António Aniceto Monteiro para o desenvolvimento da matemática no Brasil**. Rio de Janeiro, 2009. 70 f. Dissertação (Mestrado em Ensino de Matemática) - Universidade Federal do Rio de Janeiro.

ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a própria vida. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p. 9-34, jul. 1998.

BASSO, Rafaella. As experiências preliminares do tratamento de um arquivo pessoal: o estudo de caso do fundo Bernardo Beiguelman. In: Encontro Regional de História da ANPUH-Rio: saberes e práticas científicas, 16., 2014, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro, 2014.

BELLOTTO, Heloisa Liberalli. **Como fazer análise diplomática e análise tipológica de documento de arquivo**. São Paulo: Associação de Arquivistas de São Paulo; Arquivo do Estado, 2002. (Como Fazer, 8).

_____. O sentido dos arquivos. In: Ciclo de Palestras da Diretoria de Arquivos Institucionais, 1, 2014, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte, 2014. Disponível em: <https://www.ufmg.br/diarq/anexos/wfd_14012774465385cc06bbb48-fala_bellotto.pdf>. Acesso em: 28 nov. 2017.

CAMARGO, Ana Maria de Almeida; GOULART, Silvana. **Tempo e circunstância: a abordagem contextual dos arquivos pessoais: procedimentos metodológicos adotados na organização dos documentos de Fernando Henrique Cardoso**. São Paulo: Instituto Fernando Henrique Cardoso, 2007.

CAMARGO, Ana Maria de Almeida. Arquivos pessoais são arquivos. **Revista do Arquivo Público Mineiro**, Belo Horizonte, v.45, n.2, p.27-39, jul.-dez. 2009.

COOK, Terry. Arquivos pessoais e arquivos institucionais: para um entendimento arquivístico comum da formação da memória em um mundo pós-moderno. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p. 129-150, jul. 1998.

FONSECA, Gabrieli Aparecida da. Arquivos pessoais e suas particularidades no âmbito arquivístico. In: Seminário Científico Arquivologia e Biblioteconomia, 4., 2015, Marília. **Anais...** Marília, 2015. Disponível em: <<https://www.marilia.unesp.br/Home/Eventos/2015/seminariodearquivologiaebiblioteconomia/fonseca-g.a..pdf>>. Acesso em: 28 nov. 2017.

GOMES, Angela de Castro. Escrita de si, escrita da história: a título de prólogo. In: **Escrita de si, escrita da história**. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

HEYMANN, Luciana Quillet. Indivíduo, memória e resíduo histórico: uma reflexão sobre arquivos pessoais e o caso Filinto Müller. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 19, p. 41-60, jul. 1997.

LISBOA, Araci Gomes. O livro, a parede e os arquivos pessoais. In: SILVA, Maria Celina Soares de Mello e; SANTOS, Paulo Roberto Elian dos (org.). **Arquivos pessoais: história, preservação e memória da ciência**. Rio de Janeiro: Associação dos Arquivistas Brasileiros, 2012. p. 11-19.

MCKEMMISH, Sue. Provas de mim... novas considerações. In: TRAVANCAS, Isabel; ROUCHOU, Joëlle; HEYMANN, Luciana. (org.). **Arquivos pessoais: reflexões multidisciplinares e experiências de pesquisa**. Rio de Janeiro: FGV, 2013. p. 17-43.

PEREIRA, Pedro Carlos. **A educadora Maria Laura: contribuições para constituição da educação matemática no Brasil**. São Paulo, 2010. 239 f. Tese (Doutorado em Educação Matemática) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

_____. Maria Laura. In: VALENTE, Wagner Rodrigues (org.). **Educadoras matemáticas: memórias, docência e profissão**. São Paulo: Livraria da Física, 2013. p. 197-208.

SALVADOR, Marcelo Ferreira Martins. **Uma história de paixão: Estela Kaufman Fainguelernt e o ensino da geometria**. Vassouras, 2012. 71 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Matemática) - Universidade Severino Sombra.

_____. Estela Kaufman. In: VALENTE, Wagner Rodrigues (Org.). **Educadoras matemáticas: memórias, docência e profissão**. São Paulo: Livraria da Física, 2013. p. 47-58.

SANTOS, Paulo Roberto Elian. Arquivo pessoal, ciência e saúde pública: o arquivo Rostan Soares entre o laboratório, o campo e o gabinete. In: SILVA, Maria Celina Soares de Mello e; SANTOS, Paulo Roberto Elian (org.). **Arquivos Pessoais: história, preservação e memória da ciência**. Rio de Janeiro: Associação de Arquivistas Brasileiros, 2012. p. 21-50.

SILVA, Maria Celina Soares de Mello e; TRANCOSO, Márcia Cristina Duarte. Produção documental de cientistas e a história da ciência: estudo tipológico em arquivos pessoais. **História, Ciências, Saúde - Manguinhos**, Rio de Janeiro, v.22, n.3, p.849-861, jul.-set. 2015.

SILVA, Maria Celina Soares de Mello e. Configuração da informação em documentos de ciência e tecnologia: estudo tipológico no arquivo pessoal do físico Bernhard Gross. **Perspectivas em Ciência da Informação**, [s.l.], v. 18, n. 3, p. 160-174, set. 2013.

_____. Reorganização de fundo: uma experiência em arquivo pessoal de cientista. In: SILVA, Maria Celina Soares de Mello e ; SANTOS, Paulo Roberto Elian (org.). **Arquivos Pessoais: história, preservação e memória da ciência**. Rio de Janeiro: Associação de Arquivistas Brasileiros, 2012. p. 89-112.

TOGNOLI, Natália Bolfarini; BARROS, Thiago Henrique Bragato. As implicações teóricas dos arquivos pessoais: elementos conceituais. **Ponto de Acesso**, Salvador, v. 5, n.1, p. 66-84, abr. 2001.

WELFELÉ, Odile. Quais os materiais para o historiador de amanhã? O futuro dos arquivos científicos. In: ANDRADE, Ana Maria Ribeiro (org.). **Caminho para as estrelas**. Rio de Janeiro: MAST, 2007. p. 138-159.